



Universidade Federal de Campina Grande-Campus Cuité

**Centro de Educação e Saúde- CES
Unidade Acadêmica de Física e Matemática - UAFM**

JOÃO ELDER LAURENTINO DA SILVA

RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO I

CUITÉ-PB

2018



JOÃO ELDER LAURENTINO DA SILVA

RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO I

Relatório redigido em virtude da realização do Estágio Supervisionado I, componente curricular obrigatório do Curso de Licenciatura em Matemática, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCEG, sob orientação do professor Leonardo Lira de Brito, e sob a supervisão da professora Jucimere de Lima Cunha Pereira.

CUITÉ-PB

2018



S586r Silva, João Elder Laurentino da.

Relatório de estágio supervisionado I. / João Elder Laurentino da Silva.
- Cuité, 2018.
33 f.: il. color.

Relatório Final de Estágio Supervisionado (Licenciatura em Matemática)
- Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Educação e Saúde,
2018.

"Orientação: Prof. Leonardo Lira de Brito; Supervisão: Profa. Jucimere
de Lima Cunha Pereira".

Referências.

1. Matemática – relatório. 2. Relatório de estágio supervisionado. 3.
Escola Estadual José Rolderick de Oliveira – Nova Floresta - PB. 4. Centro
de Educação e Saúde. I. Brito, Leonardo Lira de. II. Pereira, Jucimere de
Lima Cunha. III. Título.

CDU 51(047.31)

“Tentar adquirir experiência apenas com teoria, é como tentar matar a fome apenas lendo o cardápio!”

AUTOR DESCONHECIDO

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	6
2	OBJETIVOS.....	7
3	IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL.....	8
4	CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA	11
4.1	ESTRUTURA FÍSICA DA ESCOLA	11
4.2	ASPECTO ORGANIZACIONAL DA ESCOLA	11
5	RELATO DA OBSERVAÇÃO	13
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
7	REFERÊNCIAS	22
8	ANEXOS.....	24
8.1	ANEXO A - INDICADORES DE OBSERVAÇÃO	24
8.2	ANEXO B - HORÁRIOS DA PROFESSORA REGENTE	25
8.3	ANEXO C - QUESTIONÁRIO APLICADO AO DIRETOR DA ESCOLA.....	25
8.4	ANEXO D – FICHA DE FREQUÊNCIA	29

RESUMO

Este relatório de estágio tem como função, narrar uma observação feita em turmas do Fundamental II e Ensino Médio, proporcionada pela disciplina de Estágio Supervisionado I, do curso de licenciatura em Matemática, da Universidade Federal de Campina Grande - Centro de Educação e Saúde (UFCG-CES) Campus Cuité-PB, ministrado pelo professor Leonardo Lira de Brito e desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Rolderick de Oliveira, na cidade de Nova Floresta - PB, sob a supervisão da professora Jucimere de Lima Cunha Pereira, graduada em licenciatura em matemática pela (UFCG-CES) em 2017. O período de estágio realizado na escola em questão teve início no dia 07 de novembro de 2017 e finalizado no dia 06 de dezembro de 2017, num total de 65 horas-aula. Foi uma experiência única, devido à oportunidade de observar, na prática, como uma instituição educacional funciona, professor, alunos e agentes externos, para conhecer o ambiente escolar e, contrastar ensinamentos teóricos com prática real do ofício, a fim de, ganhar experiência na profissão.

Palavras- chave: Estágio. Observação. Matemática.

1 INTRODUÇÃO

É evidente aceitar a ideia que a matemática está ligada à realidade e, que mesmo sem percebermos, utilizamos dela para diversas atividades do dia-a-dia. Também não podemos negar que o sistema escolar (os profissionais de ensino), na maioria das vezes, não se preocupam em fazer essa relação entre matemática e realidade. O que torna a matemática para muitos alunos algo assustador, nos levando assim, a refletir e querer melhorar cada vez mais como educadores. Inclusive, na década de 1990, os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL, 1997, p.15) dizia que o método pedagógico em Matemática, tinha “[...] problemas a serem enfrentados, tais como a necessidade de reverter um ensino centrado em procedimentos mecânicos, desprovidos de significados para o aluno”. Nesse sentido, para se tornar um bom profissional, o estágio entra como um parâmetro muito importante para todos os profissionais da educação.

O estágio é uma das experiências mais significativas para evolução profissional de um estudante e é nele que o aluno tem a chance de coligar seu pensamento acadêmico com o espaço de trabalho. Inicialmente uma das principais coisas que o estagiário deve fazer é se familiarizar com o ambiente de trabalho. Mas como deve ser feito isso? A resposta está na “observação”, pois de acordo com Pimenta (2004): “O estágio tem por objetivo, preparar o estagiário para a realização de atividades na escola, com os professores nas salas de aula, bem como para a análise, avaliações e crítica” (PIMENTA, 2004, p. 120). E, portanto, é justamente a observação o principal elemento a ser tratado neste trabalho.

2 OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

- Observar, a fim de compreender o contexto da educação, refletindo sobre a ação do ensino-aprendizagem através de costumes reflexivos da realidade do ambiente escolar.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conhecer concretamente com o futuro ambiente de trabalho;
- Fazer o contraste e relação entre conceitos teóricos vistos em universidade com a profissão real;
- Aprender e desenvolver conhecimentos e habilidades baseados na prática do profissional supervisor;

3 IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

O estágio supervisionado é admitido por Lei, que pelo Decreto número 87.497, de 18 de agosto de 1982, regulamentado pela Lei nº 6.494, de 07 de dezembro de 1977, dispõe sobre o estágio de estudantes de estabelecimentos de ensino superior e de ensino médio regular (antigo 2º grau) e supletivo atende segundo esse decreto, no art. 2º:

Considera-se estágio curricular, para os efeitos deste Decreto, as atividades de aprendizagem social, profissional e cultural, proporcionadas ao estudante pela participação em situações reais de vida e trabalho de seu meio, sendo realizada na comunidade em geral ou junto a pessoas jurídicas de direito público ou privado, sob responsabilidade e coordenação da instituição de ensino.(BRASIL, 1982, art. 2º)

Deste modo, o estágio supervisionado carece ocorrer durante a vida acadêmica partindo da observação até as práticas metodológicas, acarretando numa maior chance de sucesso profissional.

Nesse sentido, o estágio é um dos parâmetros mais fundamentais para a formação profissional dos estudantes universitários, não só na área da educação, mas também na medicina e áreas técnicas em geral.

E isso é notável, já que ao sairmos do estágio, a carga de conhecimento e prática adquiridos não se compara ao período que antecede o estágio e a sensação de se tornar um profissional mesmo ainda sendo um estudante.

Para Maurer, Weiss, Barbeite (2003, apud ZABALZA, 2014), o estágio é a aprendizagem adquirida através de atividades baseadas ou que resultam do trabalho ou, de um cargo profissional. Ou seja, um momento de extrema importância, tal que o estagiário irá gozar de experiências profissionais mesmo que ainda seja um estudante.

De acordo com Daresh (1990, apud ZABALZA, 2014), o objetivo do estágio é fornecer aos alunos a oportunidade: Do estagiário aplicar seus conhecimentos e habilidades em situações práticas, isto é, trazer para o ambiente de trabalho todos os conhecimentos teóricos obtidos nas aulas da universidade, autores, metodologias, conceitos etc. Além disso, faz o estagiário desenvolver conhecimentos e habilidades voltados a participação gradual em uma ampla visão de atividades práticas, ou seja, que além de aplicar o conhecimento visto em sala, você ainda terá a oportunidade de aprender de forma prática e exercer a atividade aprendida.

Daresh (1990, apud ZABALZA, 2014), ainda diz que, o estágio servirá para contrastar o envolvimento do estudante com a profissão, tal que, esse é o momento em que o estagiário vai realmente saber, se se identifica ou não na profissão. Levando-o assim, a melhor compreensão do exercício real de sua carreira, isto é, a oportunidade mais conveniente para estagiário perceber todos os prós e contras de sua profissão.

E por fim, Daresh (1990, apud ZABALZA, 2014), complementa que o estágio ainda servirá para o estudante avaliar o próprio progresso e identificar aquelas áreas em que seria necessário um desenvolvimento pessoal e o profissional mais profundo. Nesse sentido, a partir do momento que o estagiário identifica os prós e contras de sua carreira, será muito mais simples aperfeiçoar a área em que ele já se identifica, e reparar a área em que ele não tem domínio.

Foster e Stephenson (1998, p.165, apud ZABALZA, 2014), dividem o estágio em três agentes: os estudantes, a instituição universitária e os centros de atividades práticas. Notamos que o estágio em si, é uma experiência sem igual, que basicamente só traz benefícios, tanto para o estagiário, quanto para universidade e para escola que proporciona tais atividades práticas.

O estágio traz benefícios para o estagiário, pois este irá desfrutar de todos esses privilégios já citados acima. Além de que, ao estagiar é aberta uma janela de possibilidades para um futuro emprego, o que é o caso da professora supervisora que, ao estagiar nessa mesma escola abordada nesse relatório, foi convidada a trabalhar assim que se formou, devido a seu bom desempenho como estagiária.

Traz benefícios para a universidade, pois terá como resultado um formando mais experiente e com maior probabilidade de sucesso profissional. Assim, a universidade ganhará credibilidade, porque está formando bons profissionais e, bons profissionais resultam em uma educação melhor.

E por fim, traz benefício para escola, pois, ao estagiário frequentar e participar das atividades escolares, irá se transportar conhecimento da universidade para escola e, assim, através dos alunos, transmitir da escola para a sociedade, afirma Arnon de Andrade (2005):

No curso de graduação em matemática percebe-se que a maioria dos alunos tem no estágio seu primeiro contato com a sala de aula e suas implicações podendo ser ele um importante instrumento na formação do professor. É, portanto, o Estágio, uma importante parte integradora do currículo, a parte em que o licenciando vai assumir pela primeira vez a sua identidade profissional e sentir na pele o compromisso com o

aluno, com sua família, com sua comunidade, com a instituição escolar, que representa sua inclusão civilizatória, com a produção conjunta de significados em sala de aula, com a democracia, com o sentido de profissionalismo que implique competência – fazer bem o que lhe compete. (ANDRADE, 2005, p.2)

Ou seja, o estágio nesse sentido não está apenas auxiliando o estudante a se tornar um profissional melhor, mas também a se tornar um cidadão melhor e a se relacionar com a sociedade.

Estagiar consiste basicamente em unir teoria à prática, o que é algo essencial e de extrema importância, afirma Paulo Freire (1989): “A teoria sem a prática vira ‘verbalismo’, assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade” (FREIRE, 1989, p.67). Em suma, a prática está para teoria, assim como a fome está para vontade de comer.

4 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

4.1 ESTRUTURA FÍSICA DA ESCOLA

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Rolderick De Oliveira, está situada na Pref. Felinto Florentino, número 1030, no Centro da cidade de Nova Floresta, no estado da Paraíba.

A escola é de porte médio com uma área de 5328 m² e área coberta de 1164,04 m², funciona nos três turnos, matutino, vespertino e noturno, atuando na modalidade de Ensino Fundamental II, Ensino médio e Ensino de jovens e adultos.

A subdivisão da escola é feita da seguinte maneira: nove salas de aula; uma sala de direção; uma secretaria; uma sala de arquivos; uma sala de professores; uma biblioteca; um laboratório de informática, e um laboratório de ciências que serve para várias disciplinas (Química, Biologia, Física, Matemática); uma cozinha; uma área de recreio; uma área livre; 3 banheiros, sendo 2 para alunos e 1 para professores .

Em relação ao funcionamento das salas de aula, no turno matutino funcionam nove turmas, oito no vespertino e cinco no noturno. O número de carteiras é suficiente e encontra-se em estado regular de conservação, e o mobiliário das dependências administrativas são suficientes e tem bom estado de conservação. No que se refere aos equipamentos disponíveis temos: computador; aparelho de TV; aparelho de DVD; aparelho e serviço de som; Datashow; impressora multifuncional; e máquina fotográfica.

Com relação ao acervo bibliográfico, é insuficiente, mas aparenta ser atualizado, além disso, os recursos didáticos são suficientes e bem utilizados. Sobre a merenda escolar, é satisfatória em todos os aspectos, já que, supre a necessidade dos alunos e é de boa qualidade.

4.2 ASPECTO ORGANIZACIONAL DA ESCOLA

Atualmente, a diretora é a Sr.^a Maria das Graças Silva Garcia. O colégio é habilitado pela legislação do sistema Estadual de Ensino juntamente com órgãos constitucionais estaduais e Federais, de acordo com a lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDBN)

nº 9.394/96 e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) lei nº 8.069/90

O financiamento é feito pelo Governo da Paraíba, por meio da Secretaria de Estado de Educação, e também pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE e pelo Programa Dinheiro Direto na Escola - PDDE.

A divisão dos dias letivos é feito em quatro períodos, bimestrais e, deverá cumprir como determina a Lei, carga horária de professores e seus respectivos componentes curriculares, no mínimo 200 dias letivos de trabalho escolar. Além disso, os dias de planejamento escolar e provas finais não são contados como dias letivos.

5 RELATO DA OBSERVAÇÃO

Para a formação pedagógica a observação da sala de aula é um período crucial, visto que é nesse instante que o futuro docente pode analisar de fora como deve atuar um professor. Neste sentido, essa etapa foi muito significativa, tanto para a análise do local, quanto para o relacionamento com as pessoas do âmbito escolar.

Dando início as observações, foi visto que em relação à ambientação, as salas são de porte médio e com turmas entre 20 e 25 em média (mais detalhes do ambiente na unidade 3 em “CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA”). A professora em praticamente todas as aulas organizava as salas para a realização das aulas (pelo menos na medida do possível). Porém, todas as turmas tinham uma coisa em comum: os chamados “grupinhos” ou “panelinhas”, que seriam os alunos que tinham mais afinidade dentro da sala, se reuniam e formavam aglomerações em vários locais da sala, assim, eles colocavam as carteiras onde achassem mais convenientes. E essa prática era mantida em todas as outras disciplinas, segundo os outros professores.

No caso do planejamento, a professora efetivamente ministra praticamente tudo que planejou e há coerência entre o planejamento e a finalidade da aula. Embora em algumas turmas não seja sempre possível ministrar todo o conteúdo planejado, o que é bastante normal, visto que, em geral, a grande maioria dos professores de todas as disciplinas nunca consegue dar todo o conteúdo. E isso se dá devido vários fatores, como feriados, alunos com dificuldades, imprevistos em geral etc. O que reforça o que foi dito, é que segundo uma matéria mais recente:

A maioria dos professores da rede pública no País não consegue desenvolver todo o conteúdo de sua disciplina ao longo do ano. Dados do questionário contextual da Prova Brasil de 2015, a mais recente, mostram que só 45% dos docentes conseguiram desenvolver ao menos 80% do conteúdo previsto para o ano. (TOLEDO, 2017)¹.

O que concluímos é que menos da metade dos professores do País conseguem ministrar 4/5 do conteúdo. Contudo, mesmo com tantos imprevistos, a professora em questão conseguiu organizar todos os conteúdos enfatizando sempre o que seria mais relevante e podendo assim, aproveitar adequadamente grande parte do seu tempo.

¹ Texto não paginado. Matéria produzida por Luiz Fernando Toledo, publicada no “O Estado de S.Paulo” em 20 de Março de 2017.

No que se refere à motivação quanto interesse no aprendizado dos alunos, a docente considera as experiências prévias dos alunos, de modo que, em certas ocasiões, ela fez algumas revisões básicas antes de começar efetivamente o assunto. Já a dinâmica proposta aos alunos é, na maioria das vezes, basicamente o modelo tradicional de ensino, mas segundo ela, uma vez ou outra, aplica uma aula diferenciada, para sair da rotina (mais à frente, iremos ver este assunto com mais detalhes). E quanto ao relacionamento, entre ela e os estudantes, não há sombra de dúvida que além de professora é amiga. Inclusive no período de observação, foi o aniversário dela e uma das turmas fez uma pequena comemoração para celebrar tal data (O que mostra o companheirismo e afeto entre eles).

Ainda acerca da empatia entre professor-aluno, Vygotsky (2003) cita que a relação afetiva vai atribuir o nível de motivação para o sujeito, que apoiado nas experiências, ganhará confiança e independência:

As reações emocionais exercem uma influência essencial e absoluta em todas as formas de nosso comportamento e em todos os momentos do processo educativo. Se quisermos que os alunos recordem melhor ou exercitem mais seu pensamento, devemos fazer com que essas atividades sejam emocionalmente estimuladas. (VYGOTSKY, 2003, p.121)

Assim, podemos dizer que o elo de afetividade afere um estilo social ao processo de ensino-aprendizagem. Além disso, combinamos que não só a aprendizagem, mas tudo que fazemos se torna muito mais interessante e proveitoso quando fazemos com quem gostamos e temos mais afinidade.

Todavia, muitas vezes o excesso de intimidade com os alunos pode acarretar em problemas, como comprometer o domínio da sala. Por o aluno se sentir mais próximo do professor, se sente no direito de fazer brincadeiras, não prestar atenção, conversar algum assunto que não seja referente à aula, isso tudo por achar que nada vai acontecer com ele, já que professor-alunos são amigos.

Porém, como estamos falando de várias turmas de diferentes níveis, idades, classes sociais etc., a professora tanto utiliza da afetividade como da rigidez, isto é, ela sabe quando deve ser mais amigável e também sabe que tem horas que é necessário ser mais severa e, dá aquela bronca para controlar a turma. E isso se aplica também ao tom de voz, a professora geralmente começa a aula em tom normal, mas muitas vezes as turmas começam a se agitar e não tem como falar baixo, especialmente nos 6º e 7º anos que estão na fase da pré-adolescência, barulham muito e o remédio, muitas vezes, é elevar o tom de voz para poder

conter a sala.

Outro ponto muito importante observado é o “domínio do conteúdo”, já que, um professor é reconhecido pelo seu saber. Quanto à professora, é incontestável que domina o conteúdo, pelo menos, no período de observação não cometeu nenhum equívoco. Além disso, se expressa fluentemente, com a mesma linguagem que os alunos comunicam, ou seja, uma linguagem simples e, isso ajuda muito no diálogo.

Mas, para o professor não basta conhecer o assunto, também é necessário saber repassa-lo. De acordo com a opinião da educadora Guiomar Namó de Mello², em palestra de a Bett Brasil Educar 2016, em São Paulo: “[...] Além de saber o conteúdo, o professor tem de dominar a pedagogia desse conteúdo.”³. Portanto, de nada vale o professor ter todo o conhecimento do mundo, se não sabe transmiti-lo. Mas, incrivelmente, a professora supervisora possui as duas qualidades, além de possuir o domínio do conteúdo, ainda sabe se expressar e transmiti-lo de forma simples.

Ao ministrar suas aulas, a professora se apoia em alguns materiais pertinentes, principalmente em aulas práticas no laboratório e no meio escolar, sempre tenta relacionar os objetos ao seu redor com os conteúdos de sala.

Em relação à metodologia, atualmente a mais seguida, de acordo com Sadovsky (2007) é:

[...] os professores mostram a utilidade das fórmulas e das regras matemáticas por meio de um treinamento de aplicação: definição, exercício-modelo, exercício aplicação. Nesse contexto, perguntas clássicas como “Para que serve isso, professor? De onde veio? Por que é assim?” revelam a inadequação do método de ensino, não permitindo, portanto, a oportunidade de desenvolver um trabalho intelectual mais profundo em sala de aula (SADOVSKY, 2007, p.7).

Realmente, os professores avaliam com grande importância o estudante dominar as fórmulas e outras regras para que possa ter um bom aproveitamento em seus estudos e, de fato, aprender os conteúdos.

Contudo, para que se tenha uma aprendizagem mais significativa, é necessário que seja criado em sala de aula um ambiente mais leve, descontraído e com metodologias da mais variadas possíveis, a fim de, sair da rotina e fazer com que o aprendizado, seja de fato, algo

² Formada em Pedagogia pela USP em 1966, fez mestrado e doutorado em educação na PUC/SP em 1976 e 1980 respectivamente, e pós-doutorado no Institute of Education da London University em 1991-1992.

³ Texto não paginado. Matéria produzida por Thiago Varella, colaboração para o UOL, em Campinas (SP).

prazeroso. Pois se isso não acontecer, a aula se tornará enjoativa, a matemática se tornará um “bicho de sete cabeças”. Segundo Brito (1996):

Não é a Matemática que produz atitudes negativas. Aparentemente, elas se desenvolvem ao longo dos anos escolares, muito relacionadas a aspectos pontuais: o professor, o ambiente na sala de aula, o método utilizado, a expectativa da escola, dos professores e dos pais, a auto percepção do desempenho etc. (BRITO, 1996, p.295).

No caso da professora regente, o modelo de ensino adotado é “semi-tradicional”, isto é, a aula expositiva é mais valorizada, o assunto é exposto no quadro, são passados exemplos e então exercícios similares, geralmente passados para que os alunos resolvam em casa. Na próxima aula, os exercícios são retomados e novamente o ciclo se repete. Isso acontece na maioria das aulas, porém para quebrar a rotina, em alguns momentos ela utiliza formas lúdicas de ensino, para que assim seus alunos aprendam de maneira atrativa, como:

No 6º ano, para abordar o assunto “Polígonos e unidades de volume: vértices, lado e ângulos” ela utilizou do laboratório para medir juntamente com seus alunos, volumes de alguns sólidos. E em outra aula, na mesma turma, pra representar os ângulos, utilizou da criatividade ao usar o corpo para formar e representar ângulos retos rasos e obtusos. Depois, novamente utilizou o laboratório para visualizar os polígonos (triângulo, quadrilátero, pentágono, hexágono, etc.)

No 7º ano, acerca do “Teorema de Tales”, a professora teve a ideia dos alunos fazerem um passeio próximo à escola a procura coisas relacionadas ao conteúdo, que tivessem em suas estruturas: retas paralelas, proporcionais e semelhantes.

No 9ª ano, sobre o assunto “Poliedros” a professora deu uma aula explicativa e expositiva no laboratório com os poliedros hexagonais, pentagonais, pirâmide de base triangular e quadrangular.

Nos 3º anos, sobre o tema “Divisão de polinômios: teorema do resto e dispositivo prático de Briot Ruffini” houve uma aula prática com os blocos lógicos, resolvendo divisões de polinômios e mostrando os resultados através da montagem dos blocos lógicos.

Ou seja, ela utiliza um método bem variados de ensino-aprendizagem, o que é bom, mostrando assim, que mesmo sendo uma professora que se formou recentemente, demonstra ser uma profissional “experiente” no sentido de ter diversas formas de ensinar e que aplica de o que foi visto em universidade.

O trabalho em equipe é outro ponto bem relevante a ser destacado, pois de acordo com Teixeira (1999, p. 26),

É na discussão com os colegas que a criança exercita sua opinião, sua fala, seu silêncio, defendendo seu ponto de vista. O trabalho em grupo, portanto, estimula o desenvolvimento do respeito pelas idéias de todos, a valorização e discussão do raciocínio; dar soluções e apresentar questionamentos, não favorecendo apenas a troca de experiência, de informações, mas criando situações que favorecem o desenvolvimento da sociabilidade, da cooperação e do respeito mútuo entre os alunos, possibilitando aprendizagem significativa. A relação com o outro, portanto, permite um avanço maior na organização do pensamento do que se cada indivíduo estivesse só. (TEIXEIRA 1999, p. 26)

Neste sentido, a professora favorece o trabalho em equipes, quando a situação exige. Porém muitas vezes não é possível manter o controle da turma, pois com isso, as conversas paralelas aumentam apenas a minoria dos integrantes fazem o trabalho e, assim, não é possível chegar ao resultado esperado, ou seja, ao objetivo do trabalho em equipe que é a troca de conhecimentos.

As atividades de maneira geral são comuns, geralmente exercícios de repetição e atividades mecânicas, apenas uma ou outra mais elaborada. O que não quer dizer que são atividades ultrapassadas, pois atividades desse tipo também são muito importantes. Por exemplo, os professores de matemática de Xangai, na China, estão entre os melhores do mundo, devido ao grande desempenho de seus alunos em provas internacionais. Segundo uma matéria da BBC Mundo, escrita por Valeria Perasso:

A repetição de conceitos também é um ingrediente fundamental da receita secreta de Xangai.

Crianças a partir de cinco anos são submetidas a testes para praticar exercícios até dominar cada conceito por meio da repetição.

Um aluno responde à pergunta de um professor e os outros repetem a resposta em uníssono. Em seguida, outra responde a uma outra pergunta e o restante repete. A sequência continua à exaustão.

Nessa rotina militar, espera-se que os estudantes aperfeiçoem o uso do vocabulário matemático - não apenas exercícios de matemática - na medida que a aula avança.

Mas as aulas são também muito interativas, destacam os especialistas.

Além disso, são curtas e harmoniosas: consistem de 35 minutos de ensino focado, seguido de 15 minutos de brincadeiras não estruturadas.

(PERASSO, 2016)⁴

⁴ Texto não paginado. Matéria produzida por Valeria Perasso, para BBC Mundo.

Deste modo, podemos perceber que além do lúdico, aquela velha aula tradicional também é indispensável. Assim, o uso de dinâmicas juntamente com exercícios e repetição focada e trabalho duro são ingredientes para o sucesso.

Neste sentido, a aula flui com naturalidade, ao mesmo que tenta atender a diversidade da turma. Porém, nem sempre é possível, já que todos nós sabemos que em uma sala de aula comum brasileira, a variedade de níveis entre os alunos é muito grande, isto é, tem alunos que pegam o assunto de primeira, já outros, é preciso explicar varias vezes e, mesmo assim, não conseguem aprender, tornando a aula mais lenta e menos produtiva. Isso se deve a nosso sistema brasileiro de educação, que permite alunos que não tenham realmente aprendido o básico do ano, passar para o ano seguinte sem o conhecimento mínimo exigido.

A frase “pedagogia da repetência” é trazida por RIBEIRO (1990) e autores como (SILVA, R. N., DAVIS, 1993; OLIVEIRA 1999), que falam sobre uma “cultura da repetência”. Estes autores citam:

[...] a repetência propicia ao aluno uma oportunidade para rever, com calma, os conteúdos não assimilados, para amadurecer psicologicamente e, sobretudo, para receber uma lição moral importante, na medida em que, sofrendo pela perda de seu grupoclasse, aprenderá a levar os estudos mais a sério (SILVA, R. N., DAVIS, 1993, p. 33).

Segundo essa ideia, é preciso ter reprovação, já que somente os alunos capacitados devem passar para o ano seguinte. Mesmo que a reprovação não seja uma coisa boa, mas se for o caso, o melhor a fazer é reprovar. Pois sem ela, muitos alunos perderiam o interesse em estudar (VASCONCELLOS, 1992), pensariam os alunos: “Ah, não importa se eu estude ou não, vou ser aprovado do mesmo jeito de quem estudou duro”. E, além disso, é inegável o fato de que os alunos que são aprovados sem saberem o conteúdo, vão se prejudicar cada vez mais no ano seguinte e, seguinte e, seguinte, tornando assim uma bola de neve e desistindo dos seus estudos por não acompanharem o nível de escolaridade em que estão inseridos.

Retornando a metodologia de ensino, a professora apresenta algumas situações desafiadoras, perguntas tal que, o aluno tem quem pensar um pouco além, porém, quase sempre, em todas as turmas, apenas os estudantes da parte frontal da turma participam e fazem perguntas com naturalidade. E, por sua vez, a professora responde essas perguntas adequadamente.

Em relação à avaliação, a professora avalia seus alunos das formas mais variadas possíveis: provas escritas, trabalhos individuais e em grupo, comportamento, atividades em

laboratório e contagem de atividades no caderno (vistos). O que é muito bom, pois assim ela avalia o aluno em múltiplos aspectos, afirma Melchior:

A avaliação, sendo parte integrante do processo de ensino e aprendizagem, deve ser integral como o processo de desenvolvimento do educando. Deve considerar todas as dimensões do comportamento humano de forma interrelacionada, para procurar um maior desenvolvimento do indivíduo (MELCHIOR, 1994, p. 58).

E o mais curioso, é que sempre ela retorna a atividade anterior, por exemplo, se fez uma prova, na próxima aula ela comenta as respostas e os erros mais comuns dos alunos. Dando oportunidade, para o aluno saber onde errou e podendo consertar seu erro em alguma atividade futuramente, caso precise. Nesse contexto, o erro é de grande importante, afirma Luckesi (2002):

“o erro não é fonte de castigo, mas suporte para o crescimento”. É por meio do erro do aluno, que o educador vai identificar o que o aluno já sabe e o que pode vir, a saber, sobre o conteúdo em estudo e reconstruir o conhecimento a partir dele. (LUCKESI, 2002, p 38).

Portanto, descartar os erros dos estudantes, é apagar o raciocínio inicial deles e, o raciocínio inicial é o gatilho para construção do conhecimento. Por isso, nesse sentido, a professora julga muito importante retomar os erros e corrigi-los.

Além disso, a professora utiliza de vários instrumentos de avaliação, são eles: prova tradicional, trabalhos individuais, em grupo, comportamento e contagem de atividades no caderno (vistos). O que é muito bom, já que isso explora as diferentes habilidades e competências dos alunos.

Segundo a professora, ela explicita os critérios de avaliação com os alunos no início do ano e sempre vai lembrando com a entrada de cada bimestre, sempre enfatizando em suas avaliações o que é mais relevante, já que o tempo é curto para tantas coisas.

Em suma, ficou evidente que a professora regente é muito eclética em relação à forma que planeja suas aulas, ministra e avalia seus alunos. O que possibilitou uma observação mais ampla de todos os aspectos supracitados.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio supervisionado foi uma das oportunidades mais marcantes academicamente e profissionalmente falando. Inicialmente, nós estagiários, saímos da universidade pensando: “Aprendi muitas coisas, muitas regras, fórmulas, conceitos matemáticos, pensamentos pedagógicos com vários autores da educação e professores. E agora, onde vamos aplicar isso?!”.

Observamos que o professor ali está com a mais boa vontade do mundo, ensina e tem prazer em ver os seus alunos aprenderem. E, a professora supervisora observada, era quase que um modelo do estudado na teoria em universidade, ministrava aulas variadas, planejava bem e tudo mais.

Seus esforços não chegavam a vários alunos na sala, a partir disso, pensamos: Muitas vezes o problema não está no professor. Nós ficamos tão preocupados em ser um bom educador, aplicar metodologias inovadoras, variar no ensino e etc., mas, o que fazer quando os alunos não querem aprender? O professor não tem o poder de fazer o aluno gostar de estudar. O que aprendemos da universidade é que o professor tem que ser mudado. Contudo, vemos que mesmo um professor que aplica inovações no método de ensino, em relação aos outros, não surte o efeito esperado. Então, surge uma hipótese: a raiz do problema não está no professor, mas no sistema em que vivemos. Nosso País não prioriza a educação, a aprendizagem, visto que, as prioridades atualmente são dados estatísticos, isto é, se o aluno foi aprovado e tem notas boas e, se isso também acontecer com a escola, então ele foi educado. O que não é bem assim, já que sabemos que muitas vezes os alunos são aprovados por que excederam o limite de tempo naquele ano (série) e simplesmente a Lei exige a aprovação dele.

E quando dizemos “País” nos referimos a todas as pessoas que estão envolvidas na educação, desde os pais dos alunos até os governantes. Então, o único jeito de mudar nossa educação, é por meio do voto, para colocar no poder governantes dispostos a investir na educação. É por meio de políticas públicas, que realcem o poder da educação e, por último, mas não menos importante, mudar a educação em casa. Como diz aquela velha frase, “A escola ensina, mas a educação vem de casa”. Deste modo, não jogar o peso da educação somente para as pessoas que mais se preocupam com ela, os professores.

Mas depois de tudo isso, aí vai um questionamento as pessoas que sonham em se tornarem professores um dia: Você quer mesmo ser professor? Mesmo com tantas desvantagens, desvalorização da profissão, alunos que não querem estudar bagunçando em sua sala, pais falando que você tem culpa por seu filho ser reprovado. Você quer mesmo enfrentar isso?

E nossa resposta é: Sim. Queremos ser professores! Queremos ter o prazer de ensinar e contribuir para um futuro melhor, queremos conhecer pessoas novas e interagir com elas, queremos nunca parar de aprender e, além de tudo, deixar um legado. Pois, se pelo menos uma pessoa conseguir seu sonho e tivermos contribuído ao menos um pouco para isso, nossa sensação vai ser de dever cumprido.

Em suma, ao interatuar com nosso futuro ambiente de trabalho, fizemos o contraste e relação dos conceitos estudados em universidade e, chegamos a várias conclusões: vários assuntos muito avançados jamais serão utilizados em sala, pensamentos de teóricos que não condiz com a realidade (prática), ou seja, uma coisa é você falar, outra é fazer, vimos que ser professor é um dom e que tem muita responsabilidade envolvida por traz de tudo. Contudo, tivemos um choque de realidade a nos depararmos com tudo isso e, sem sombra de dúvida, saímos do estagio com um pensamento bem mais aprofundado sobre o “ser professor”. Também observamos que cada aluno tem seu tempo e que devemos respeitar e agir de forma sábia em cada situação. Enfim, ser professor exige mais do que esperávamos e não é atoa que existe aquela velha frase: “professor é a profissão que forma todas as profissões”.

7 REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Arnon Mascarenhas de Andrade. **O Estágio Supervisionado e a Práxis Docente**. In: Silva, Maria Lúcia Santos Ferreira da.(Org.). Estágio Curricular: Contribuições para o Redimensionamento de sua Prática. Natal: EDUFRRN, 2005. Disponível em: arquivos.info.ufrn.br/arquivos/2013194041d9bb1407884cfa65784ee2e/Estgio_2.pdf; acesso em: 12 de fevereiro de 2018.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
- _____. **Decreto n. 87.497, 18, agosto de 1982**. Brasília, DF, 1977. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d87497.htm. Acesso em: 26 de nov. de 2017
- _____. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Matemática)**. Brasília, 1997.
- BRITO, M. R. F. **Um estudo sobre as Atitudes em Relação à Matemática em Estudantes de 1º e 2º graus**. Tese de Livre Docência. Campinas, SP: UNICAMP, 1996.
- COSTA, Jacilda M. de Oliveira Martins. **Realidades docentes, Metodologias e suas aplicabilidades na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Rolderick de Oliveira**. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/6231/1/PDF%20-%20Jacilda%20Mac%C3%AAdo%20de%20Oliveira%20Martins%20Costa.pdf> Acesso em: 26 de nov. de 2017.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Paz e Terra, 1989.
- LUCKESI, Cipriano. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 13.ed. São Paulo: Cortez, 2002
- MELCHIOR, Maria Celina. **Avaliação Pedagógica: função e necessidade**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994, 150p.
- PERASSO, Valeria. **Os segredos dos melhores professores de matemática do mundo**. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/geral-36828458>. Acesso em: 26 de nov. de 2017
- PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção docência em formação. Séries saberes pedagógicos).
- RIBEIRO, Sérgio Costa. **A pedagogia da repetência**. Tecnologia Educacional, Rio de Janeiro, v. 19, n. 97, p. 13-20, nov./dez. 1990.
- SADOVYSKY, P. **Ensino de Matemática hoje: Enfoque, sentido e desafios**. São Paulo: Ática, 2007.
- SILVA, Rose Neubauer da, DAVIS, Cláudia. **É proibido repetir**. Estudos em Avaliação Educacional, São Paulo, n. 7, p. 5-44, 1993.

TEIXEIRA, Cícera F. **Compreensão, criação e resolução de problemas de estrutura multiplicativa: uma sequência didática com problemas “abertos”**. Monografia. Recife: UFPE / Curso de especialização em ensino de pré a 4ª série. 1999.

TOLEDO, Luiz Fernando. **Estadão Educação**. Disponível em: <<http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,maior-parte-dos-professores-nao-completa-conteudo,70001706340>> Acesso em 26 de nov. de 2017.

VARELLA, Thiago. **Uol Educação**. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2016/05/19/professor-pode-saber-conteudo-mas-nao-aprende-a-ensinar-diz-educadora.htm>> Acesso em 26 de nov. de 2017.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia Pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

ZABALZA, Miguel A. **O estágio e as práticas em contextos profissionais na formação universitária**. São Paulo: Cortez, 2014.

8 ANEXOS

8.1 ANEXO A - INDICADORES DE OBSERVAÇÃO

ÁREAS	INDICADORES
Ambientação	1- Organiza a sala para a realização da aula.
Planejamento	2- Existe coerência entre o planejamento e a finalidade da aula.
Motivação	3- Considera as experiências prévias dos alunos; 4- A dinâmica proposta aos alunos; 5- Existe empatia com os alunos.
Domínio da Sala	6- Contribui para o bom comportamento dos alunos; 7- Mantém um tom de voz adequado.
Domínio do Conteúdo	8- Se expressa fluentemente; 9- Domina o assunto e o trata de modo coerente com nível de ensino; 10- Apoia-se em materiais didáticos pertinentes.
Metodologia	11- Utiliza uma metodologia adequada; 12- Favorece o trabalho em equipes, se a situação exigir; 13- As atividades são pertinentes; 14- A aula flui com naturalidade; 15- Tenta atender a diversidade da turma; 16- Apresenta situações desafiadoras; 17- Os alunos fazem perguntas com naturalidade; 18- Responde adequadamente as perguntas feitas; 19- Aproveita adequadamente o tempo.
Avaliação	20- Comenta os erros com os alunos; 21- Utiliza múltiplos instrumentos de avaliação; 22- Explicita os critérios de avaliação com os alunos; 23- Enfatiza o que é relevante.

8.2 ANEXO B - HORÁRIOS DA PROFESSORA REGENTE

MATUTINO

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
07:00 - 07:45	7ºA	9ºB	9ºB		
07:45 - 08:30	7ºA	9ºB			
08:30 - 09:15	9ºB		7ºA		6ºA
09:15 - 09:30	INTERVALO				
09:30 - 10:15	9ºB	7ºA	7ºA		7ºA
10:15 - 11:00	9ºB				6ºA
11:00 - 11:45	6ºA	6ºA	6ºA		6ºA

VESPERTINO

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
13:00 - 13:45	3ºA				
13:45 - 14:30	3ºA	3ºB			
14:30 - 15:15	3ºB				
15:15 - 15:30	INTERVALO				
15:30 - 16:15	3ºB	3ºB			
16:15 - 17:00		3ºA			
17:00 - 17:45		3ºA			

8.3 ANEXO C - QUESTIONÁRIO APLICADO AO DIRETOR DA ESCOLA

DIAGNÓSTICO DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

1. IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO

Nome da Escola: *E. E. E. F. M. José Rolderick de Oliveira*

Rede de Ensino: *Estadual*

Endereço: *Rua Prof. Felinto Florentino*

CEP: *58178-000*

Bairro: *Centro*

Município: *Nova Floresta - PB*

Fone: (083) 996392267

Endereço eletrônico (e-mail): escolarolderick@gmail.com

Diretor (a): *Maria das Graças Silva Garcia*

Data de Criação: -

Porte da Escola: () Pequena (x) Média () Grande

Nível/ Modalidade de Ensino:

() Educação Infantil (x) Ensino Fundamental (x) Ensino Médio

(x) Educação de Jovens e Adultos

Turno de Funcionamento:

(x) Matutino (x) Vespertino (x) Noturno

Número de salas de aula: 09

Número de turmas por turno:

Matutino: 09 Vespertino: 08 Noturno: 05

2. DEPENDÊNCIAS ADMINISTRATIVAS E DE APOIO PEDAGÓGICO:

(x) Sala da Direção

(x) Secretaria

() Sala da Vice- Direção

(x) Arquivo

() Sala de orientação e coordenação pedagógica

(x) Sala de Professores

(x) Biblioteca

() Auditório

() Sala de recursos audiovisuais

() Sala de Leitura

(x) Laboratório de informática

(x) Outros Laboratórios

Especificar: Laboratório de ciências (Química, Biologia, Física, Matemática)

Cozinha

Refeitório

Área de recreio

Quadra de esportes

Área livre

Banheiros ; Quantos (3)

Outros

Especificar:

3. RECURSOS HUMANOS:

QUADRO ADMINISTRATIVO: Completo Incompleto

QUADRO DE PROFESSORES:

Coordenador Pedagógico

Psicopedagogo

Coordenador

Supre a necessidade da escola?

QUADRO DE APOIO ADMINISTRATIVO:

Completo Incompleto

Se incompleto, qual o motivo?

4. RECURSOS MATERIAIS:

Número de Carteiras: Suficiente Insuficiente

Estado de conservação: Excelente Bom Regular Precário

MOBILIÁRIO DAS DEPENDENCIAS ADMINISTRATIVAS:

Suficiente Insuficiente

Estado de conservação: Excelente Bom Regular Precário

EQUIPAMENTOS DISPONÍVEIS:

Computador

Aparelho de TV

Datashow

Filmadora

Impressora multifuncional

Máquina fotográfica

DVD

Aparelho de som

Serviço de som

ACERVO BIBLIOGRÁFICO:

Suficiente Insuficiente

Atualizado Desatualizado Não Possui

RECURSOS DIDÁTICOS:

Suficientes Insuficientes

Bem utilizados Mal utilizados

MERENDA ESCOLAR:

Suficiente Insuficiente

Boa qualidade Má qualidade Não recebe

RECURSOS FINANCEIROS DISPONÍVEIS:

FNDE / PDDE

PDE/ FUNDESCOLA

(PAP/PEP)

Fundo Rotativo

Outros

Especificar:

8.4 ANEXO D – FICHA DE FREQUÊNCIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
 CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE - CAMPUS CUITÉ
 Estágio Supervisionado I
 PROFESSOR: Leonardo Lira de Brito

FICHA DE FREQUÊNCIA

ESCOLA: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Rolderick de Oliveira
 ALUNO (A): João Elder Laurentino da Silva

Estágio: (x) Observação () Co-Participação () Regência

DATA/TURMA	HORÁRIO	Nº DE HORAS/AULA	ATIVIDADE REALIZADA	ASSINATURA DO RESPONSÁVEL
07-11-17 9ºB 3ºB 3ºB 3ºA 3ºA	07:00 - 07:45 13:45 - 14:30 15:30 - 16:15 16:15 - 17:00 17:00 - 17:45	5 aulas 03h e 45min	Observação	
08-11-17 9ºB 7ºA 7ºA 6ºA	07:00 - 07:45 08:30 - 09:15 09:30 - 10:15 11:00 - 11:45	4 aulas 03h	Observação	
10-11-17 6ºA	08:30 - 09:15	1 aula 45min	Observação	
13-11-17 7ºA 7ºA 9ºB 9ºB 9ºB 6ºA	07:00 - 07:45 07:45 - 08:30 08:30 - 09:15 09:30 - 10:15 10:15 - 11:00 11:00 - 11:45	10 aulas 07h e 30min	Observação	

3°A 3°A 3°B 3°B	13:00 - 13:45 13:45 - 14:30 14:30 - 15:15 15:30 - 16:15			
14-11-17 9°B 6°A 3°B 3°B 3°A 3°A	 07:00 - 07:45 11:00 - 11:45 13:45 - 14:30 15:30 - 16:15 16:15 - 17:00 17:00 - 17:45	6 aulas 04h e 30min	Observação	
17-11-17 6°A	 08:30 - 09:15	1 aula 45min	Observação	
20-11-17 7°A 7°A 9°B 9°B 9°B 6°A 3°A 3°A 3°B 3°B	 07:00 - 07:45 07:45 - 08:30 08:30 - 09:15 09:30 - 10:15 10:15 - 11:00 11:00 - 11:45 13:00 - 13:45 13:45 - 14:30 14:30 - 15:15 15:30 - 16:15	10 aulas 07h e 30min	Observação	
21-11-17 9°B 6°A 3°B 3°B 3°A 3°A	 07:00 - 07:45 11:00 - 11:45 13:45 - 14:30 15:30 - 16:15 16:15 - 17:00 17:00 - 17:45	6 aulas 04h e 30min	Observação	
22-11-17 9°B	 07:00 - 07:45	4 aulas 03h	Observação	

7°A 7°A 6°A	08:30 - 09:15 09:30 - 10:15 11:00 - 11:45			
24-11-17 6°A	08:30 - 09:15	1 aula 45min	Observação	
27-11-17 7°A 7°A 9°B 9°B 9°B 6°A 3°A 3°A 3°B 3°B	07:00 - 07:45 07:45 - 08:30 08:30 - 09:15 09:30 - 10:15 10:15 - 11:00 11:00 - 11:45 13:00 - 13:45 13:45 - 14:30 14:30 - 15:15 15:30 - 16:15	10 aulas 07h e 30min	Observação	
28-11-17 9°B 3°B 3°B 3°A 3°A	07:00 - 07:45 13:45 - 14:30 15:30 - 16:15 16:15 - 17:00 17:00 - 17:45	5 aulas 03h e 45min	Observação	
29-11-17 9°B 7°A 7°A 6°A	07:00 - 07:45 08:30 - 09:15 09:30 - 10:15 11:00 - 11:45	4 aulas 03h	Observação	
01-12-17 6°A	08:30 - 09:15	1 aula 45min	Observação	
04-12-17 7°A	07:00 - 07:45	10 aulas 07h e 30min	Observação	

7°A 9°B 9°B 9°B 6°A 3°A 3°A 3°B 3°B	07:45 - 08:30 08:30 - 09:15 09:30 - 10:15 10:15 - 11:00 11:00 - 11:45 13:00 - 13:45 13:45 - 14:30 14:30 - 15:15 15:30 - 16:15			
05-12-17 9°B 6°A 3°B 3°B 3°A 3°A	07:00 - 07:45 11:00 - 11:45 13:45 - 14:30 15:30 - 16:15 16:15 - 17:00 17:00 - 17:45	6 aulas 04h e 30min	Observação	
06-12-17 9°B 7°A 7°A	07:00 - 07:45 08:30 - 09:15 09:30 - 10:15	3 aulas 02h e 15min	Observação	